

**PENSAR COM OS OUTROS. LITERATURA
FILOSÓFICA EM TRADUÇÃO PORTUGUESA:
O PAPEL DE JOAQUIM DE CARVALHO
(1892-1958)**

**THINKING WITH OTHERS. PHILOSOPHICAL
TEXTS IN PORTUGUESE TRANSLATION:
THE ROLE OF JOAQUIM DE CARVALHO
(1892-1958)**

João Diogo R. P. G. Loureiro

CECH, Universidade de Coimbra; CEG, Universidade Aberta

loureiro.joaodiogo@ua.pt

ORCID: 0000-0002-3609-0971

Resumo: O presente artigo visa expor, de forma breve, o papel de Joaquim de Carvalho (1892-1958) na divulgação, entre nós, de obras filosóficas estrangeiras, primeiro enquanto diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra (1921-1934) — onde fundou, em 1930, a coleção Filósofos e Moralistas (1930-1934) — e depois enquanto responsável pela coleção Biblioteca Filosófica (1948-1974), publicada pela Atlântida. Não só as duas coleções são aqui discutidas com algum pormenor, como se oferece ainda uma panorâmica do que aconteceu em Portugal, em matéria de tradução filosófica, no período que mediou entre ambas. No fim, aprecia-se a fecundidade da ação de Carvalho, fazendo-se uma rápida referência às coleções que ainda hoje dão continuidade ao seu projeto de dar a conhecer o melhor do que se pensou além-fronteiras.

Palavras-chave: António Sérgio, Biblioteca Filosófica, Filósofos e Moralistas, Joaquim de Carvalho, tradução filosófica.

Abstract: This article aims to present briefly the role of Joaquim de Carvalho (1892-1958) in the dissemination in Portugal of foreign philosophical works, first as director of the Coimbra University Press (1921-1934) — where he founded, in 1930, the collection Philosophers and Moralists (1930-1934) — and later as responsible for the collection Philosophical Library (1948-1974), published by Atlântida. Not only the two collections are discussed here in some detail, but it is also provided an overview of what happened in Portugal in the field of philosophical translation in the period between them. Finally the fruitfulness of Carvalho's action is appreciated, with a brief reference to the collections that still continue the goal of making known among us the best of what was thought abroad.

Keywords: António Sérgio, Biblioteca Filosófica, Filósofos e Moralistas, Joaquim de Carvalho, philosophical translation.

1. Introdução

O presente artigo visa expor, de forma necessariamente sumária, o papel de Joaquim de Carvalho (1892-1958) na divulgação, entre nós, de obras filosóficas estrangeiras, primeiro enquanto diretor da Imprensa da Universidade (1921-1934) — onde fundou, em 1930, a coleção Filósofos e Moralistas (1930-1934) — e depois enquanto responsável pela coleção Biblioteca Filosófica (1948-1974), publicada pela casa coimbrã Atlântida.

A mais antiga tradução (subsistente) de um texto filosófico para a nossa língua, devemos-la ao Infante D. Pedro, que «tornou em linguagem», como então se dizia, o *De officiis* de Cícero.¹ Em torno do Infante e do seu irmão, D. Duarte, constituiu-se mesmo o que Sebastião Pinho não hesita em chamar de uma «escola» de tradução;² infelizmente, dos outros tratados ciceronianos então «postos em vulgar», nenhum nos chegou. O Arpinate foi também o primeiro filósofo a ter honras de impressão entre nós: em 1531, Germão Galharde, que se encontrava em Coimbra para ensinar aos crúzios a «arte negra», dá à estampa na cidade universitária o *De amicitia*, na tradução de Duarte de Resende, edição que incluía ainda o famoso passo final do *De republica* (o chamado «Sonho de Cipião») e os *Paradoxa*.³

É só no reinado de D. Maria I, quando o ideário iluminista se firma no nosso país,⁴ que o número de traduções de textos

1 O manuscrito conheceu edição crítica: Joseph PIEL (ed. crit.), *Livro dos ofícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o infante D. Pedro, duque de Coimbra*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1948.

2 Sebastião PINHO, “O Infante D. Pedro e a «escola» de tradutores da Corte de Avis”: *Biblos* 69 (1993), pp. 129-153.

3 A tradução foi duas vezes republicada, a última delas pela Imprensa Nacional: Maria Leonor BUESCU (ed.), *Duarte de Resende. Tratados Da amizade, Paradoxos e Sonho de Cipião*. Lisboa, INCM, 1983.

4 Ana Cristina ARAÚJO, “Cosmopolitisme et diffusion des Lumières au Portugal au dix-huitième siècle”, in *Transactions of the Seventh International Congress on the Enlightenment*. Oxford, Voltaire Foundation, 1989, p. 571.

filosóficos para português conhece um incremento exponencial.⁵ Um marco importante é atingido em 1814, quando são publicadas as *Categorias* de Aristóteles: trata-se da primeira tradução de um filósofo feita por um seu colega de profissão, neste caso Silvestre Pinheiro Ferreira.⁶ A partir do último quartel do século XIX, a difusão em Portugal das ideias socialistas e anarquistas levou a um surto de traduções que catapultará Kropotkin, um dos mais importantes teóricos do anarquismo russo, para a improvável posição de filósofo mais traduzido de sempre em Portugal (consideramos aqui apenas as traduções editadas em livro, negligenciando o que saiu em periódicos).⁷

É este cenário que Carvalho revolucionará com a sua atividade editorial, ao imprimir um carácter científico e sistemático à publicação, entre nós, de textos filosóficos estrangeiros. Abordaremos de seguida, com o detalhe possível no espaço relativamente exíguo de que dispomos, as duas coleções por ele fundadas, mostrando o alcance histórico da sua ação.

5 Maria Antónia HÖRSTER, Evelina VERDELHO e Telmo VERDELHO, “A tradução para português na história da língua e da cultura. Elementos para uma síntese”: *Revista portuguesa de filologia* 25.2 (2003-2006), p. 689.

6 Silvestre PINHEIRO FERREIRA, *Categorias de Aristóteles*. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1814.

7 Baseamo-nos, para esta afirmação, no levantamento feito por Gonçalves Rodrigues das traduções realizadas em Portugal entre 1495 e 1930 (António GONÇALVES RODRIGUES, *A tradução em Portugal*, 5 vols. Lisboa, 1992-1999), complementado com informações colhidas em Adelaide GONÇALVES e Jorge SILVA, *A bibliografia libertária. O anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo, Imaginário, 2001. Para uma visão de conjunto da impressionante atividade editorial dos círculos anarquistas portugueses, vd. Carlos ABREU (org.), *100 anos de anarquismo em Portugal (1887-1987). Catálogo da exposição bibliográfica, iconográfica*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1987.

2. O papel charneira da coleção **Filósofos e Moralistas (1930-1934)** da **Imprensa da Universidade**

A 11 de julho de 1921, Joaquim de Carvalho, à época um jovem docente da Faculdade de Letras de Coimbra, assume funções como administrador da secular Imprensa da Universidade [IU]. Sob a sua direção, a IU, até então mera oficina tipográfica ao serviço da instituição-mãe, converte-se numa autêntica casa editorial, desenvolvendo um trabalho notável em prol da cultura portuguesa. Carvalho faz publicar na Imprensa edições críticas de muitos dos nomes maiores das letras nacionais e funda coleções especialmente dedicadas ao estudo da arte e do pensamento português. Não obstante esta extraordinária atividade editorial, Salazar ordenou o encerramento da Imprensa, que fechou definitivamente as suas portas a 31 de agosto de 1934. Segundo Luís Reis Torgal, este foi o primeiro passo no sentido da domesticação da Universidade pelo regime.⁸ Parece claro que se queria, com a medida, atingir Carvalho, republicano destacado e conhecido *maçon*; havia também suspeitas de que os prelos da Imprensa tinham sido usados para imprimir materiais oposicionistas.⁹ Acima de tudo, porém, pretendia-se eliminar um polo promotor do pensamento livre e crítico.

Torgal reconhece que uma das coleções da Imprensa com mais potencial para inquietar os novos donos do poder era a *Filósofos e Moralistas* [FM].¹⁰ Fundada em 1930, trata-se da primeira coleção em Portugal explicitamente vocacionada para a publicação entre nós de textos filosóficos em tradução, constituindo assim o paradigma de todas as iniciativas editoriais

8 Luís Reis TORGAL, “O contexto político da extinção da Imprensa da Universidade pelo Estado Novo”, in Fernando FONSECA *et alii*, *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da História*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2001, p. 114.

9 Jorge PEIXOTO, *A ação de Joaquim de Carvalho na Imprensa da Universidade de Coimbra*. Lisboa, s. n., 1976, p. 41.

10 L. R. TORGAL, *op. cit.*, p. 115.

análogas que lhe sucederam. Como que confirmando as palavras de Torgal, o último livro saído dos prelos da Imprensa terá sido justamente o nono título da coleção (vd. lista completa no apênd. I), a biografia de Espinosa por Colerus.¹¹ Carvalho tem o mérito de ter publicado pela primeira vez em Portugal autores como Montaigne, Descartes e Leibniz, reunindo à sua volta tradutores como António Sérgio, Agostinho da Silva e Vitorino Nemésio. Embora na coleção em análise tenham também saído textos de grandes pensadores da época (e.g. Croce) e até, algo em contramão, um original de Newton Macedo, o foco parece ter sido a edição de clássicos da filosofia, como se percebe pela análise dos títulos que foram sendo sucessivamente anunciados nas contracapas dos volumes dados à estampa. Parte desses — como o *Fédon*, a *Ética* ou os *Fundamentos da metafísica dos costumes* — viriam a ser publicados mais tarde na Biblioteca Filosófica [BF] da Atlântida, uma tentativa clara de dar continuidade à coleção da Imprensa, cancelada contra vontade.¹²

Para a reconstituição da história desta coleção pioneira, as cartas de António Sérgio a Joaquim de Carvalho durante o período de exílio do primeiro (1927-1933) constituem uma fonte da maior importância.¹³ Em carta enviada a 8 de agosto de 1929, encontramos a primeira referência ao que virá a ser a FM: por intermédio de Sílvio Lima (que sucederá a Carvalho à frente da BF), Sérgio teria ficado a saber do interesse do seu correspondente em avançar

11 Informação colhida numa nota manuscrita de Joaquim Montezuma de Carvalho que acompanha o exemplar, depositado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, da reedição, em 2000, pela Câmara Municipal da Vidigueira, do texto do último volume da FM.

12 Para além dos livros referidos no corpo de texto, foram anunciados como estando no prelo os seguintes títulos: (i) Descartes, *Discurso do método*; (ii) Leon Roth, *A ciência da moral*; (iii) Locke, *Ensaio sobre a extensão e os limites do poder civil*; (iv) Santo Agostinho, *Confissões*; (v) Pascal, *Pensamentos*.

13 A correspondência em questão foi editada por F. Catroga e A. Veloso: Fernando CATROGA e Aurélio VELOSO, “António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (1927-1933)”: *Revista de história das ideias* 5 (1983), pp. 951-1016.

com uma «biblioteca de cultura filosófica» na Imprensa. Por carta firmada a 16 de novembro do mesmo ano, fica claro que Sérgio, a pedido de Carvalho, estava já então a procurar adquirir os direitos para a tradução do que viria a ser o primeiro volume da coleção, *As últimas conversações*, de Renouvier. Obtidos estes, Sérgio, então a atravessar grandes dificuldades financeiras e necessitado do dinheiro da Imprensa, traduz a obra em apenas dez dias. Em missiva datada de 9 de janeiro de 1930, o histórico seareiro aceita a sugestão de Carvalho de traduzir Russell¹⁴ e propõe para a coleção a inaugurar um conjunto de nomes, entre os quais aquele que será efetivamente adotado. Percebe-se igualmente pela mesma carta que Sérgio teria incentivado o administrador da Imprensa a prefaciar os vários títulos a publicar, o que Carvalho se terá escusado a fazer (recuperará, porém, a ideia aquando da BF).

A 18 de janeiro, o prolífico ensaísta propõe a publicação das *Meditações cartesianas* (texto que acabará por verter e publicar na Imprensa)¹⁵ e, a 28 de fevereiro, a edição de «uma seleção de todos os trechos de Montaigne que dizem respeito à cultura do espírito» (o sétimo título da coleção terá sido a concretização possível desta sugestão). Por esta última carta, percebe-se que Carvalho já então queria editar os *Novos ensaios* de Leibniz, texto que Sérgio traduzirá entre (aproximadamente) 5 de abril e 15 de maio de 1931, tanto quanto se depreende da correspondência entre ambos. Outras peças epistolares deste conjunto revelam alguns dos títulos pensados para a coleção que nunca a chegaram a

14 Esta tradução sairá em 1939, na coleção Studium, pela casa coimbrã Arménio Amado. O valor a pagar pelos direitos de autor (F. CATROGA e A. VELOSO, op. cit., n. 1 *ad* carta 15) terá levado Carvalho a pedir a Sérgio que interrompesse a tradução (carta de 14-4-33).

15 Esta tradução de Sérgio foi objeto de um estudo por Aurélio VELOSO, “António Sérgio tradutor: a tradução das «Meditationes/Meditations» de Descartes (1930): primeira aproximação: paleografia e lexicografia”: *Revista de história das ideias* 5 (1983), pp. 247-319.

integrar, como o *Discurso do método*, de Descartes, numa tradução de Carvalho (vd. carta de 13-7-1930), a *Monadologia*, de Leibniz (vd. carta de 27-01-31), o *Tratado do conhecimento humano*, de Berkeley (carta de 8-5-31),¹⁶ ou o *Parménides*, de Platão (carta de 30-7-33). Todo este material demonstra suficientemente como a coleção que nos tem ocupado, sendo embora uma ideia original de Carvalho, pode, com alguma justiça, ser considerada um empreendimento a quatro mãos, atendendo ao contributo que Sérgio deu quer para o desenho quer para a materialização da mesma (e isto até ao fim: a biografia de Espinosa já acima referida chega às mãos de Carvalho *via* Sérgio: vd. carta de 30-7-33).

3. A tradução filosófica em Portugal entre o fecho da Imprensa da Universidade (1934) e a fundação da Biblioteca Filosófica (1947)

O encerramento da Imprensa não significou o fim da chegada regular ao mercado nacional de textos filosóficos em tradução. Logo em 1934 é publicado, com a chancela da Seara Nova, o *Crítion[e]* de Platão, vertido do grego por Agostinho da Silva. Na editora da revista fundada por Raul Proença saíam a partir de então, a intervalos aceitáveis, depois desse primeiro título, várias obras de filosofia traduzidas em português (vd. apênd. II), duas delas, inclusive, pelo próprio Joaquim de Carvalho. Merece destaque a aposta em Platão (cinco diálogos traduzidos entre 1934 e 1953, um deles duas vezes, por mãos diferentes), embora a opção não surpreenda: o filósofo ateniense está particularmente bem representado nos catálogos de seguida analisados.

16 Este título acabará por sair em 1958 na BF, com tradução de Vieira de Almeida.

Em Coimbra, cidade que vira nascer a FM, surgiu em 1937, na Arménio Amado, a coleção Studium, coleção dominada por títulos de direito, mas onde encontramos igualmente algumas obras de filosofia, e filosofia em tradução (vd. apênd. III). Aí foram publicados pela primeira vez, em português europeu, autores como Russell, Sertillanges e Hegel.

Já em 1938, Eduardo Salgueiro, editor da Inquérito, fundada havia dois anos (tanto quanto conseguimos apurar, o primeiro livro a sair com o selo da editora terá sido a *História das ideias políticas*, de R. Gettell, numa tradução do próprio Salgueiro), lançou a coleção Cadernos “Inquérito”,¹⁷ ambiciosamente dividida em várias séries, uma, a C, intitulada Filosofia e Religião. Nesta foram publicados, entre 1939 e 1945, 15 títulos (vd. apênd. IV), obras de autores como Schopenhauer, Platão, Spencer ou Comte. Alguns textos filosóficos foram ainda publicados em outras séries dos Cadernos ou em coleções sem relação com estes. Assim, por exemplo, em 1940, é dada à estampa uma seleção generosa (dois volumes) de excertos do *Emílio* de Rousseau, da responsabilidade de António Sérgio, mas a recolha surge na série B dos Cadernos, dedicada à pedagogia; também os dois pares de diálogos de Platão, editados em 1945, são incluídos na coleção Textos Clássicos.

Estes foram anos em que, pelo menos a um olhar exterior, parece ter havido um esforço concertado da parte de um círculo de intelectuais portugueses para oferecer ao público português o essencial do *corpus* platónico, empreitada de fundo para a qual também a editora Educação Nacional, fundada por António Figueirinhas em 1896, contribuiu. Na coleção Obras Primas de Todos os Tempos (1941-1943) saíram as 13 cartas atribuídas a Platão (em

17 Para uma breve contextualização e descrição deste projeto editorial, vd. Nuno MEDEIROS, “A edição de livros como formulação do mundo: ideias e casos”: *Revista brasileira da história da mídia* 4.2 (2015), pp. 36-37. A coleção é aí proveitosamente comparada com a Biblioteca Cosmos, a que abaixo dedicamos algumas linhas.

três volumes), o *Alcibiades* e o *Fédon*, todos em 1941 e todos vertidos por A. Machado Cruz. A mesma coleção acolheu ainda traduções de Aristóteles, Kant e Condorcet (autor então aparentemente popular, a avaliar pela sua presença também nos projetos editoriais de Agostinho da Silva e Bento Jesus Caraça, de que a seguir falaremos) (vd. apênd. V). Em 1944, à frente da Educação Nacional passa a estar o neto do fundador, Mário Figueirinhas. A coleção Obras Primas é abandonada, e surge uma nova, a Mensagem, confiada à direção de Ferreira da Costa. Chegou a ser anunciada a publicação, nesta, da *Causa, princípio e unidade*, de Giordano Bruno, e do Príncipe, de Maquiavel, mas, tanto quanto nos foi possível averiguar, só dois títulos de interesse filosófico acabaram por ver a luz do dia: *Despojos de uma tragédia* (correspondência inédita) (1944), de Nietzsche, e *Do sentimento trágico da vida* (1953), de Unamuno.

O ano em que arrancou a coleção Obras Primas de Todos os Tempos viu também o começo de um singular empreendimento editorial de Agostinho da Silva, personagem maior da cultura portuguesa do século XX a quem já acima aludimos. Agostinho, que se estreara como colaborador na *Seara Nova* em 1928 pela mão de António Sérgio, acaba por abandonar com este o grupo associado à revista em começos de 39.¹⁸ Não saem sós, e os dissidentes agregam-se no Núcleo Pedagógico Antero de Quental, que assume entre as suas missões a de, nas palavras dos próprios, «promover a publicação de coleções de iniciativa cultural para crianças e adultos».¹⁹ No ano seguinte, arranca a publicação da coleção Iniciação — Cadernos de Informação Cultural, idealizada e produzida pelo filósofo portuense, que nela trabalhará intensamente

18 No que se segue, seguimos de perto, resumindo e focando os aspetos para nós mais relevantes, a biografia de Agostinho da Silva por Franco: António Cândido FRANCO, *O estranhíssimo colosso. Uma biografia de Agostinho da Silva*. Lisboa, Quetzal, 2015.

19 Agostinho da SILVA, *O método Montessori*. Lisboa, Editorial Inquérito, 1939, p. 80.

(a cada quinzena saía um novo caderno; cada um tinha, em média, duas dúzias de páginas) entre 1940 e 1944. O sucesso da iniciativa, que atinge a autossuficiência económica, encoraja Agostinho, que se aventura a criar duas coleções: uma dirigida aos jovens (*À Volta do Mundo: Textos para a Juventude*), outra, a que nos interessa, a *Antologia: Introdução aos Grandes Autores (1941-1947)*, com oito séries anunciadas, cada uma com seis cadernos. Problemas vários com a polícia política — que desde o bruaá em torno de um seu opúsculo de 1943 (a *Doutrina cristã*) vigiava de muito perto a sua atividade editorial — levam-no, após uma passagem pelo Aljube, a emigrar para o Brasil em novembro de 1944. O seu exílio dita o fim da coleção.²⁰ Nesta, havia traduzido excertos de Platão, Marco Aurélio, Bacon, Erasmo, More, Voltaire, Condorcet e muitos outros (vd. apênd. VI), num labor incomparável de divulgação da cultura filosófica que é tanto mais extraordinário porque fruto de um homem só.

Por fim, ainda no que diz respeito à publicação sistemática de obras filosóficas em português entre o encerramento da IU e o aparecimento da BF, não podemos deixar de referir aqui a Biblioteca Cosmos (1941-1948), de Bento de Jesus Caraça,²¹ um projeto marcante com que este pôde contribuir para o ideal imperioso articulado no final da sua célebre conferência de 1933 à União Cultural «Mocidade Livre»: a reivindicação da cultura para a coletividade inteira.²² Se do plano de edições original da Biblioteca não constava nenhum título filosófico, o catedrático de matemática acabou por dar à estampa quatro clássicos do pensamento ocidental, notando-se uma nítida

20 Em rigor, ainda saem em 1946 um caderno e, em 1947, outros dois. Estes, porém, constituem claramente uma revivescência serôdia de um projeto que já chegara ao seu termo.

21 Acerca deste singular empreendimento editorial, vd. João Oliveira DUARTE, *Uma biblioteca contra o Inferno*. Lisboa, Ego, 2017.

22 Bento de Jesus CARAÇA, *A cultura integral do indivíduo. Conferências e outros escritos*, 3.^a ed. Lisboa, Gradiva, 2008, p. 79.

preferência da sua parte por obras maiores do Renascimento (vd. apênd. VII). O projeto da Biblioteca foi infelizmente cortado cerce pela intempestiva morte do seu arquiteto em 1948.²³

4. A Biblioteca Filosófica (1948-1974)

É neste contexto cultural que surge, em 1948,²⁴ sob a direção de Joaquim de Carvalho, a BF da Atlântida Editora, coleção inaugurada com o *Fédon* de Platão na prometida tradução de Dias Palmeira, prevista inicialmente — como outros títulos que se lhe seguiram — para a FM. Já tivemos ocasião de sublinhar a continuidade de fundo entre estes dois projetos. Carvalho não se desviou do que entendia ser a sua missão: oferecer ao público português grandes (não no sentido físico do termo, bem pelo contrário) textos do pensamento ocidental em traduções de altíssima qualidade. Não obstante a BF ter aparecido numa altura em que a oferta na área havia aumentado consideravelmente, conseguiu ainda dar a conhecer pela primeira vez na nossa língua autores como Berkeley, Espinosa ou Husserl, recrutando para essa tarefa tradutores da craveira de Vieira de Almeida,²⁵

23 Escusado será dizer que as coleções analisadas não tiveram o monopólio das traduções filosóficas em Portugal no período em consideração: basta lembrar que António Sérgio, de quem já tanto aqui falámos, publica a sua tradução das *Meditações* de Marco Aurélio na Ática, em 1947.

24 Muito embora nas bases bibliográficas de referência o *Fedro*, livro inaugural da coleção, surja como sendo de 1947, no cólofon do mesmo lê-se que foi impresso em inícios de 48.

25 Vieira de Almeida é dos que mais contribui para a coleção, com um total de quatro prefácios e três traduções. Uma delas (a do opúsculo agostiniano, *Contra os académicos*) foi já, com o respetivo prefácio, objeto de um estudo aprofundado (vd. Mário Santiago de CARVALHO, “Vieira de Almeida e a *tranchée* de Agostinho. Sobre a história da filosofia”: *Revista filosófica de Coimbra* 38 (2010), pp. 235-272).

Albin Beau,²⁶ Edmundo Curvelo,²⁷ Paulo Quintela²⁸ e António Sérgio (para não falar do próprio Joaquim de Carvalho). Ao contrário do que sucedia na coleção da Imprensa, as obras editadas pela Atlântida foram sempre, até 1958 — ano da morte do diretor da Biblioteca —, acompanhadas de paratextos (estudos, introduções, prefácios) que procuravam iluminar o contexto histórico e as teses principais da obra que o leitor tinha em mãos,²⁹ com isso introduzindo um fator de diferenciação face à concorrência, que recorria de forma menos sistemática a tais estratégias de valorização comercial (e filosófica) dos livros.

Com a morte de Carvalho, a coleção passa ser dirigida por Sílvio Lima, o seu «amado discípulo»,³⁰ ele próprio um filósofo de primeira água cuja carreira académica foi vilmente minada por Salazar. O nome de Lima foi sugerido ao editor da Atlântida, Joaquim Lopes Cravo, por Afonso Queiró, diretor da

26 Carvalho e Beau já haviam antes colaborado: o último traduzira para a Studium *Leibniz e a sua época*, de Dilthey, obra prefaciada pelo primeiro.

27 As cartas de Curvelo para Carvalho encontram-se editadas (vd. Augusto OLIVEIRA (ed.), *Cartas de Edmundo Curvelo a Joaquim de Carvalho (1947-1953) e outros inéditos*. Lisboa, Centro de Filosofia das Ciências da Universidade, 2005) e constituem uma fonte valiosa para a reconstituição de parte da história da nossa coleção. Por elas ficamos a saber que, a 4 de outubro de 1947, já o diretor da BF havia entrado em contacto com Curvelo, procurando saber com que textos estaria este disposto a colaborar para o projeto. Por carta de 13 de agosto de 48, descobrimos que o catedrático de Coimbra pretendia editar os sofistas e, eventualmente, todos os pré-socráticos. A tradução dos fragmentos dos primeiros terá sido confiada a António Pinto de Carvalho (A. OLIVEIRA, op. cit., p. 91), mas nunca terá ido adiante (tanto quanto sabemos). Em carta de 15 de maio de 49, Curvelo aceita a sugestão de Carvalho de traduzir Montague; em missiva de 1 de julho, avisa que a tradução está pronta. Esta sairá ainda no mesmo ano.

28 Financiada pelo Instituto de Alta Cultura, a tradução de Quintela da *Fundamentação da metafísica dos costumes de Kant* só será publicada em 1960, doze anos depois de concluída e já depois da morte de Carvalho, em mais uma manifestação do esforço do seu sucessor à frente da BF no sentido de concretizar os projetos editoriais que aquele tinha deixado em suspenso (vd. *infra*).

29 Estes textos encontram-se reunidos em Joaquim de CARVALHO, *Obra completa, I: Filosofia e história da filosofia: 1939-1955*. Lisboa, Gulbenkian, 1981.

30 Paulo Archer de CARVALHO, *Sílvio Lima*, 2 vols. Coimbra, Palimage, 2018, p. 187.

Faculdade de Direito de Coimbra.³¹ Aceite o convite, o autor de *O amor místico* escreveu a António Sérgio, sabendo que o seu antecessor tinha pedido a este que vertesse a primeira parte da *Introdução à medicina experimental*, de Claude Bernard.³² O velho seareiro acolheu o repto, mas a tradução nunca viu a luz do dia, provavelmente porque abandonada após a publicação da mesma obra de Bernard na Guimarães logo no ano seguinte. Graças a uma segunda carta de Lima a Sérgio, sabemos que o primeiro havia já combinado com Vieira de Almeida uma tradução, com introdução, ao *Utilitarismo* de Mill.³³ Em suma: percebe-se que, quando assumiu a direção da Biblioteca, Sílvio Lima não pretendia imprimir à coleção um novo rumo, procurando antes, em tudo quanto possível, seguir o precedente definido pelo mestre, levar a cabo os projetos que a morte abrupta deste deixara por cumprir (o exemplo mais significativo disso mesmo será o esforço de Lima no sentido de completar a edição da *Ética* de Espinosa,³⁴ livro sobre todos caro a Carvalho).³⁵ Todavia, com o tempo, muito naturalmente, o catálogo começou a refletir os interesses do novo responsável pela BF, abrindo-se a campos como a psicologia e a pedagogia. Outra mudança significativa na

31 José Ferreira da SILVA, “Sílvio Lima: história de um professor universitário”: *Biblos* 55 (1979), p. xl.

32 Carta de 7-12-1958, in P. A. CARVALHO, op. cit., p. 972.

33 Carta de 18-12-1958, in P. A. CARVALHO, op. cit., p. 973. A tradução acabou por ser confiada a Eduardo Rogado-Dias; Vieira de Almeida redigiu, contudo, o prometido prefácio.

34 Acerca desta, vd. João Diogo LOUREIRO, “[Recensão de] Espinosa. Ética. Tradução do latim, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio (Lisboa: Relógio d’Água — Coleção Filosofia, 2020), 401 pp. ISBN: 9789896419561”]: *Revista filosófica de Coimbra* 57 (2020), parte I.

35 Dos livros anunciados nas contracapas dos volumes publicados sob a direção de Carvalho, todos viram a luz do dia, embora nem todos tenham acabado por integrar a BF, e.g. o *Que nada se sabe*, de Francisco Sanches, publicado autonomamente como separata da *Revista* da Universidade de Coimbra.

coleção foi a inclusão, nesta, de vários originais, alguns de autores brasileiros.³⁶

O último volume da BF acabaria por sair em 1974. Em maio do ano anterior, já Sílvio Lima havia decidido, por questões de saúde e idade, demitir-se em novembro do cargo de diretor da coleção.³⁷ Não conseguimos averiguar se a editora ainda realizou diligências no sentido de encontrar quem o substituísse ou se aproveitou a saída de Lima para pôr termo à BF. Mesmo que admitamos o primeiro cenário, poucos meses depois a Revolução saiu à rua: manter uma coleção como esta não seria então, de todo, uma prioridade editorial da casa.

Rival e progénie

Como já se disse, a BF surge num contexto editorial muito diferente do da sua antecessora imediata, a FM: no período que medeia entre ambas, multiplicaram-se as traduções filosóficas disponíveis no mercado português. O novo projeto de Joaquim de Carvalho vai inclusive enfrentar a concorrência direta da icónica coleção Filosofia e ensaios, da Guimarães Editores, cujo primeiro título, *O elogio da loucura*, de Erasmo, em tradução de Álvaro Ribeiro, chegou às livrarias logo em 1951. A coleção, uma iniciativa do grupo da Filosofia Portuguesa, atravessou várias décadas, definhando, por fim, nos anos 90. Curiosamente, pelo menos uma tradução originalmente publicada

³⁶ Contabilizamos aqui como brasileiro também Romano Galeffi, italiano radicado na Bahia. Nos últimos anos da sua vida, Carvalho aproximou-se bastante do Brasil, cultivando amizades com professores e intelectuais do outro lado do Atlântico (vd. Débora MACAMBIRA, *A «redescoberta» do Brasil em Joaquim de Carvalho. Uma comunidade luso-brasileira feita de livros (1928-1958)*. Tese de doutoramento não publicada apresentada à Universidade de Coimbra, 2017). Não é de excluir que Sílvio Lima tenha beneficiado dessa rede de contactos.

³⁷ Carta de 14-5-1973 a Joaquim M. de Carvalho, in P. A. CARVALHO, op. cit., p. 968.

na BF acabou por ser reimpressa na Guimarães: *O banquete*, de Platão, na tradução de Pinharanda Gomes.³⁸

Não tem cabimento proceder aqui a um elenco exaustivo das coleções análogas que, ao longo da segunda metade do século XX, foram surgindo entre nós, manifestação cabal do visionarismo do gesto inaugural de Joaquim de Carvalho ao fundar, em 1930, a FM. Editoras como a Gulbenkian, as Edições 70 ou a Relógio d'Água possuem prestigiadas coleções dedicadas especificamente à publicação de textos filosóficos — na sua maioria, quando não exclusivamente, traduções.³⁹ Uma tal aposta da sua parte é um sinal evidente de que, afinal, a filosofia vende.

38 Esta tradução terá gerado polémica, pois que alguns se escandalizaram pela falta de estudos formais do autor, pondo em questão a sua competência. O próprio António Quadros terá vindo a terreiro em defesa do então ainda jovem Pinharanda. Para o caso, vd. Paulo Leitão BATISTA, “A tradução de Platão por Pinharanda Gomes” (entrada de blogue), 2013: disponível em <<https://capeiaarraiana.pt/2013/05/02/a-polemica-traducao-de-platao-por-pinharanda-gomes/>>. (Acedido a 25 de julho de 2022).

39 Respetivamente, a coleção Textos clássicos (1966-...), as coleções Textos Filosóficos (1984-...) e Biblioteca de Filosofia Contemporânea (1984-...), e as coleções Filosofia (1987-...) e Antropos (hoje, Ensaios) (1988-...).

Apêndices

Apêndice I | Coleção Filósofos e Moralistas (Coimbra: Imprensa da Universidade)

- 1 Renouvier, C. (1930). *As últimas conversações, coligidas por Luís Prat*. Trad. de António Sérgio.
- 2 Meumann, E. (1930). *A estética contemporânea*. Trad. de Luís Feliciano dos Santos.
- 3 Descartes, R. (1930). *Meditações metafísicas*. Trad. de António Sérgio.
- 4 Leibniz, G. W. (1931). *Novos ensaios sobre o entendimento humano. Preâmbulo e Livro I*. Trad. de António Sérgio.
- 5 Geysler, J. (1932). *Alguns problemas capitais da metafísica, com especial referência à crítica de Kant*. Trad. de Luís Feliciano dos Santos.
- 6 Montaigne, M. (1933). *Três ensaios: Do professorado; Da educação das crianças; Da arte de discutir*. Trad. de Agostinho da Silva.
- 7 Croce, B. (1933). *O que é vivo e o que é morto na filosofia de Hegel*. Trad. de Vitorino Nemésio.
- 8 Newton Macedo, F. (1933). *As novas tendências da psicologia experimental: a teoria da forma*.
- 9 Colerus, J. (1934). *Vida de Bento de Espinosa*. Trad. de J. Lúcio de Azevedo; nota ao leitor de Joaquim de Carvalho.

Apêndice II.1 | Seção Textos Filosóficos (Lisboa: Seara Nova)⁴⁰

- Platão (1934). *Crítone*. Trad. de Agostinho da Silva.
- Platão (1937). *A defesa de Sócrates*. Trad. e pref. de Agostinho da Silva.
- Uriel da Costa (1937). *Exemplo da vida humana*. Trad., pref. e notas de Castelo Branco Chaves.
- Werkmeister, W. H. (1939). *Sete teses do positivismo lógico examinadas criticamente*. Trad. de Vitorino Magalhães Godinho.
- Antero de Quental (1945). *Testamento filosófico de Antero de Quental: antologia*. Pref. e notas de Sant'Ana Dionísio.
- Platão (1945). *Hípias (maior): diálogo acerca da beleza*. Trad. e pref. de Sant'Ana Dionísio.
- Platão (1945). *Hípias (menor): diálogo acerca da mentira* [2.^a ed.: *do engano*]. Trad. e pref. de Sant'Ana Dionísio.
- * Ortega y Gasset, J. (1946). *Missão da universidade*. Trad. de Sant'Ana Dionísio.
- Comte, A. (1947). *Discurso sobre o espírito positivo*. Trad., introd., tábua cronológica e sincrónica, e notas de Joel Serrão.
- * Platão (1953). *Apologia de Sócrates*. Trad. e pref. de Sant'Ana Dionísio.

⁴⁰ Na impossibilidade de determinar a sequência em que os títulos foram publicados, dispomo-los segundo os seguintes critérios, cumulativos: (i) data (ordem cronológica), (ii) autor (ordem alfabética), (iii) título (*idem*). Com um asterisco sinalizamos os livros que não conseguimos confirmar se foram ou não publicados na secção.

Apêndice II.2 | Seção Estudos Filosóficos (Lisboa: Seara Nova)⁴¹

- García Morente, M. (1936). *A crença no progresso*. Trad. de Joaquim de Carvalho.
García Morente, M. (1936). *Ensaio sobre o progresso*. Trad. de Joaquim de Carvalho.
Platão (1946). *Teeteto*. Trad. de Lobo Vilela.

Apêndice III | Coleção Studium (Coimbra: Arménio Amado)⁴²

- 7 Heimsoeth, H. (1937). *A filosofia no século XX*. Trad. de Luís Cabral de Moncada.
16 Russell, B. (1939). *Os problemas da filosofia*. Trad. e pref. de António Sérgio.
20 Sertillanges, A.-D. (1940). *A vida intelectual: espírito, condições, métodos*. Trad. e pref. António Pinto de Carvalho.
21 Rivaud, A. (1940). *As grandes correntes do pensamento antigo*. Trad. de António Pinto de Carvalho.
24 Vignaux, P. (1941). *O pensar da Idade Média*. Trad. e pref. de António Pinto de Carvalho.
32 Spenié, J.-E. (1942). *O pensamento alemão: de Lutero a Nietzsche*. Trad. de Mário Ramos.
40 Hessen, J. (1944). *Filosofia dos valores*. Trad. e pref. de L. Cabral de Moncada.
46 Huizinga, J. (1944). *Nas sombras do amanhã: diagnóstico da enfermidade espiritual do nosso tempo*. Trad. de Manuel Vieira.
54 Bollnow, O. F. (1946). *Filosofia existencial*. Trad. e pref. de L. Cabral de Moncada.
55 Dilthey, W. (1947). *Leibniz e a sua época*. Trad. de A. E. Beau; pref. de Joaquim de Carvalho.
63 Hegel (1948). *Introdução à história da filosofia*. Trad. de António Pinto de Carvalho.

Apêndice IV | Coleção Filosofia e Religião (Lisboa: Inquérito)

- 1 Schopenhauer (1939). *Da necessidade metafísica*. Trad. de Lobo Vilela.
2 Platão (1939). *Diálogo sobre a justiça*. Trad. de Lobo Vilela.
3 Spencer, H. (1939). *Do progresso, sua lei e sua causa*. Trad. de Eduardo Salgueiro.
4 Luciano (1939). *A deusa síria*. Trad. de Lobo Vilela.
5 Comte, A. (1939). *Importância da filosofia positiva*. Trad. e notas de Freitas e Silva.
6 McTaggart, J. (1939). *Introdução ao estudo da filosofia*. Trad. e pref. de António Sérgio.

41 Apenas indicamos as traduções publicadas nesta série, não os originais.

42 Só listamos aqui títulos (i) traduzidos, (ii) de interesse filosófico — (iii) exceção feita aos de filosofia do direito, aqui omitidos —, (iv) publicados entre 1935, ano da fundação da Studium, e 1948 (inclusive), ano do arranque da Biblioteca filosófica. Optámos por incluir também obras de divulgação filosófica, mesmo não sendo esse o nosso foco no presente trabalho. Dos 64 volumes da Studium que saíram no intervalo de tempo sob consideração não conseguimos, infelizmente, identificar sete.

- 7 Schopenhauer (1940). *Metafísica do amor*. Trad. de Lobo Vilela.
- 8 Barthélemy, J.-J. (1940). *Vida religiosa dos gregos (da «Viagem de Anacársis»)*. Trad. e notas de F. J. Cardoso Júnior.
- 9 Enriques, F. (1940). *O significado da história do pensamento científico*. Trad. e pref. de Vitorino Magalhães Godinho.
- 10 Robin, L. (1943). *Platão*. Trad. de Adolfo Casais Monteiro.
- 11 Boutroux, É. (1943). *Kant*. Trad. de Álvaro Ribeiro.
- 12 Oulmont, C. (1943). *Bergson*. Trad. José Marinho.
- 13 Ribeiro, A. (1943). *O problema da filosofia portuguesa*.
- 14 Ravaisson, F. (1945). *Do hábito*. Trad. e notas de Álvaro Ribeiro.
- 15 Lachelier, J. (1945). *Psicologia e metafísica*. Trad. e pref. de Adolfo Casais Monteiro.

Apêndice V | Coleção Obras Primas de Todos os Tempos (Porto: Educação Nacional)⁴³

- Aristóteles (1941). *A constituição de Atenas*. Trad. de Nuno Machado Cruz.
- Kant (1941). *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Péricles (1941). *Um discurso: oração fúnebre aos mortos do 1.º ano da guerra do Peloponeso*. Trad. de Eduardo Cruz.
- Platão (1941). *Alcibiádes*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Platão (1941). *Carta I a VI*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Platão (1941). *Carta VII, sobre a vida política do filósofo*. Trad. de Alberto Machado Cruz; pref. de Veiga Pires.
- Platão (1941). *Carta VIII a XIII*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Platão (1941). *Fédon*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Condorcet (1943). *Instrução pública e organização do ensino*. Trad. Eduardo Cruz.
- Kant (1943). *O belo e o sublime*. Trad. de Alberto Machado Cruz.

Apêndice VI | Coleção Antologia – Introdução aos Grandes Autores (Lisboa: ed. aut.)⁴⁴

- 1.1 Voltaire (1941). *Diálogos filosóficos*.
- 1.2 Arriano (1941). *Manual de Epicteto*.
- 2.1 Ruskin (1941). *Vós, os que julgais a terra*.
- 3.1 Erasmo (1941). *Colóquios*.
- 5.1 Condorcet (1942). *Progressos do espírito humano*.

43 Na impossibilidade de determinar a sequência em que os títulos foram publicados, dispomo-los segundo os seguintes critérios cumulativos: (i) data (ordem cronológica), (ii) autor (ordem alfabética), (iii) título (*idem*).

44 Dada a profusão de títulos que a coleção compreende, listamos apenas aqueles de teor filosófico, indicando qual a série em que foram editados e o lugar que nela ocupavam (quando o foi possível determinar) segundo o esquema: número da série, ponto, posição no interior da série.

- 5.3 Marco Aurélio (1942). *Pensamentos*.
- 6.2 Bacon (1943). *Ensaíos*.
- 7.3 Montaigne (1944). *Do arrependimento*.
- 7.5 Platão (1944). *Teoria do amor*.
- 8.5 More (1946). *Utopia*.
- 9.? Lucrécio (1947). *Da natureza*.
- 9.? Emerson (1947). *Confiança*.

Apêndice VII | Coleção Biblioteca Cosmos (Lisboa: Cosmos)⁴⁵

- 80/81 Erasmo (de Roterdão) (1945). *O elogio da loucura*. Trad. de Berta Mendes; pref. e notas de Manuel Mendes.
- 90/91 Maquiavel (1945). *O príncipe*. Trad. de Berta Mendes; introd. de Manuel Mendes.
- 104/105 Condorcet (1946). *Quadro dos progressos do espírito humano*. Trad. Maria Antonieta Godinho; pref. Vitorino Magalhães Godinho.
- 125/126 Moro, T. (1947). *A Utopia, ou O tratado da melhor forma de governar*. Trad. de Berta Mendes; pref. e notas de Manuel Mendes.

Apêndice VIII | Coleção Biblioteca Filosófica (Coimbra: Atlântida)

- 1 Platão (1947 [imp. 1948]). *Fédon. Diálogo sobre a imortalidade da alma*. Trad. do Pe. Dias Palmeira, o.f.m.; notícia histórico-crítica preambular de Joaquim de Carvalho.
- 2 Boaventura (1948). *Redução das ciências à teologia*. Trad., notas e introd. do Pe. Ilídio de Sousa Ribeiro, o.f.m.
- 3 Schopenhauer, A. (1948). *Esboço de história da teoria do ideal e do real (dos «Parerga e paralipomena»)*. Trad., pref. e notas de Vieira de Almeida.
- 4 Berkeley, J. (1948). *Três diálogos entre Hílas e Filoponous em oposição aos cépticos e ateus*. Trad., pref. e notas de António Sérgio.
- 5 Margenou, H. (1949). *Os elementos metafísicos da física*. Trad., pref. e notas de Rodrigues Martins.
- 6 Montague, W. (1949). *História do neo-realismo americano*. Trad. e pref. de Edmundo Curvelo.
- 7 Espinosa, B. (1950). *Ética, demonstrada à maneira dos geómetras. Parte I: De Deus*. Trad., introd. e notas de Joaquim de Carvalho.
- 8 Aristóteles (1951). *Metafísica. Vol. I: Livros I e II*. Trad. de Vincenzo Cocco (financiada pelo Instituto de Alta Cultura); introd. e notas de Joaquim de Carvalho.
- 9 Husserl, E. (1952). *A filosofia como ciência de rigor*. Trad. de Albin Beau; pref. de Joaquim de Carvalho.
- 10 [Santo] Agostinho (1957). *Contra os académicos*. Trad. e pref. de Vieira de Almeida.

⁴⁵ Só listamos aqui traduções de textos filosóficos. O catálogo completo da Biblioteca Cosmos pode ser consultado no sítio em linha <www.bibliotecacosmos.com>.

- 11 Berkeley (1958). *Tratado do conhecimento humano*. Trad. e pref. de Vieira de Almeida.
- 12 Kant (1960). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. Paulo Quintela.
- 13 Chateau, J. (1961). *A criança e o jogo*. Trad. de Joaquim Ferreira Gomes; pref. de Émile Planchard.
- 14 Stuart Mill, J. (1961). *Utilitarismo*. Trad. de Eduardo Rogado-Dias; pref. de Vieira de Almeida.
- 15 Espinosa, B. (1962). *Ética. Parte II: Da natureza e da origem da alma, e Parte III: Da origem da natureza das afecções*. Trad. de Joaquim Ferreira Gomes.
- 16 Farau, A., e Schaffer, H. (1960). *A psicologia das profundidades (das origens aos nossos dias)*. Trad. Sílvio Lima; pref. Barahona Fernandes.
- 17 Vita, L. W. (1964). *Escoço da filosofia no Brasil*.
- 18 Espinosa, B. (1965). *Ética. Parte IV: Da servidão humana ou das forças das afecções, e Parte V: Da potência da inteligência ou da liberdade humana*. Trad. de António Simões.
- 19 Barahona Fernandes (1966). *Filosofia e psiquiatria (experiência portuguesa e suas raízes)*.
- 20 Pecegueiro, J. (1966). *Problemas da ciência e da filosofia contemporânea*.
- 21 Galeffi, R. (1966). *A autonomia da arte na estética de Benedetto Croce*.
- 22 Moore, G. E. (1967). *Estudos filosóficos*. Trad. de Maria Angelina Rodó.
- 23 Jullien (de Paris), M.-A. (1967). *Esboço de uma obra sobre a pedagogia comparada*. Trad. e introd. de Joaquim Ferreira Gomes.
- 24 Platão (1968). *O banquete, ou do amor, incluindo o estudo «Para uma perspectiva portuguesa de Platão»*. Trad., pref. e notas de J. Pinharanda Gomes.
- 25 Cornford, F. M. (1969). *Estudos de filosofia antiga (Sócrates, Platão e Aristóteles)*. Trad. de Maria Angelina Rodó.
- 26 Simel, G. (1970). *Problemas fundamentais da filosofia*. Trad. de Inah Oliveira do Amaral Aguiar.
- 27 Brochard, V. (1971). *Do erro*. Trad. de Maria Bela Jardim.
- 28 Santos, A. M. (1972). *Expressividade e personalidade. Um século de psicologia*.
- 29 Xirau Palau, J. (1973). *O sentido da verdade*. Trad. de Maria Angelina Rodó.
- 30 Bovet, P. (1974). *O sentimento religioso e a psicologia da criança*. Trad. de Maria Angelina Rodó.

Referências bibliográficas

- ABREU, Carlos (org.), *100 anos de anarquismo em Portugal (1887-1987). Catálogo da exposição bibliográfica, iconográfica*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1987.
- ARAÚJO, Ana Cristina, “Cosmopolitisme et diffusion des Lumières au Portugal au dix-huitième siècle”, in *Transactions of the Seventh International Congress on the Enlightenment*. Oxford, Voltaire Foundation, 1989, pp. 568-571.
- BATISTA, Paulo Leitão, “A tradução de Platão por Pinharanda Gomes” (entrada de blogue), 2013: disponível em <<https://capeiaarraiana.pt/2013/05/02/a-polemica-traducao-de-platao-por-pinharanda-gomes/>>. (Acedido a 25 de julho de 2022).
- BUESCU, Maria Leonor (ed.), *Duarte de Resende. Tratados Da amizade, Paradoxos e Sonho de Cipião*. Lisboa, INCM, 1983.
- CARAÇA, Bento de Jesus, *A cultura integral do indivíduo. Conferências e outros escritos*, 3.^a ed. Lisboa, Gradiva, 2008.
- CARVALHO, Joaquim de, *Obra completa, I: Filosofia e história da filosofia: 1939-1955*. Lisboa, Gulbenkian, 1981.
- CARVALHO, Mário Santiago de, “Vieira de Almeida e a *tranchée* de Agostinho. Sobre a história da filosofia”: *Revista filosófica de Coimbra* 38 (2010), pp. 235-272.
- CARVALHO, Paulo Archer de, *Sílvio Lima*, 2 vols. Coimbra, Palimage, 2018.
- CATROGA, Fernando e VELOSO, Aurélio, “António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (1927-1933)”: *Revista de história das ideias* 5 (1983), pp. 951-1016.
- DUARTE, João Oliveira, *Uma biblioteca contra o Inferno*. Lisboa, Ego, 2017.
- FRANCO, António Cândido, *O estranhíssimo colosso. Uma biografia de Agostinho da Silva*. Lisboa, Quetzal, 2015.
- GONÇALVES RODRIGUES, António, *A tradução em Portugal. Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa, excluindo o Brasil, de 1495 a 1950. Vol. I: 1495-1834*. Lisboa, INCM, 1992.
- , *A tradução em Portugal. Vol. II: 1835-1850*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Ministério da Educação), 1992.
- , *A tradução em Portugal. Vol. III: 1851-1870*. Lisboa, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), 1992.
- , *A tradução em Portugal. Vol. IV: 1871-1900*. Lisboa, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), 1994.
- , *A tradução em Portugal. Vol. V: 1900-1930*. Lisboa, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), 1999.
- GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge, *A bibliografia libertária. O anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo, Imaginário, 2001.
- HÖRSTER, Maria Antónia, VERDELHO, Evelina e VERDELHO, Telmo, “A tradução para português na história da língua e da cultura. Elementos para uma síntese”: *Revista portuguesa de filologia* 25.2 (2003-2006), pp. 671-724.

- LOUREIRO, João Diogo, “[Recensão de] Espinosa. Ética. Tradução do latim, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio (Lisboa, Relógio d’Água – Coleção Filosofia, 2020), 401 pp. ISBN: 9789896419561”]: *Revista filosófica de Coimbra* 57 (2020), pp. 271-279.
- MACAMBIRA, Débora, *A «redescoberta» do Brasil em Joaquim de Carvalho. Uma comunidade luso-brasileira feita de livros (1928-1958)*. Tese de doutoramento não publicada apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.
- MEDEIROS, Nuno, “A edição de livros como formulação do mundo: ideias e casos”: *Revista brasileira da história da mídia* 4.2 (2015), pp. 31-42.
- OLIVEIRA, Augusto (ed.), *Cartas de Edmundo Curvelo a Joaquim de Carvalho (1947-1953) e outros inéditos*. Lisboa, Centro de Filosofia das Ciências da Universidade, 2005.
- PEIXOTO, Jorge, *A acção de Joaquim de Carvalho na Imprensa da Universidade de Coimbra*. Lisboa, s. n., 1976.
- PIEL, Joseph (ed. crit.), *Livro dos ofícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro, duque de Coimbra*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1948.
- PINHEIRO FERREIRA, Silvestre, *Categorias de Aristóteles*. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1814.
- PINHO, Sebastião, “O Infante D. Pedro e a «escola» de tradutores da Corte de Avis”: *Biblos* 69 (1993), pp. 129-153.
- SILVA, Agostinho da, *O método Montessori*. Lisboa, Editorial Inquérito, 1939.
- SILVA, José Ferreira da, “Sílvio Lima: história de um professor universitário”: *Biblos* 55 (1979), pp. XXXV-XLII.
- TORGAL, Luís Reis, “O contexto político da extinção da Imprensa da Universidade pelo Estado Novo”, in Fernando FONSECA *et alii*, *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da História*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2001, pp. 93-124.
- VELOSO, Aurélio, “António Sérgio tradutor: a tradução das «Meditationes/Meditations» de Descartes (1930): primeira aproximação: paleografia e lexicografia”: *Revista de história das ideias* 5 (1983), pp. 247-319.

(Página deixada propositadamente em branco)